

ENGEL, Magali et al. *Crônicas cariocas e ensino de História*. Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, 2008.

Luiz Guilherme Scaldaferrri Moreira*

Quem, ao ler um conto ou crônica, não se sensibilizou por alguma personagem, seja pela identificação pessoal ou por algum fio de sentimento humano presente? Por outro lado, por quantas vezes temos a impressão de que em nossos livros didáticos de história a humanidade fica de fora? Aqui falamos especialmente como professor atuante nos *bancos escolares*, pois, muitas vezes, percebemos que nossos alunos não conseguem ter a noção de que essa disciplina é feita *de e pelos* homens, marcada por sentimentos, ideias e conceitos que são formulados ou sentidos por estes.

Destarte, o livro de Magali Engel, Daniel Angelim, Leandro de Almeida e Leonardo Padilha, *Crônicas cariocas e ensino de história*, nos ajuda a combater este problema. Ao mesmo tempo, possui outro grande mérito que é a contribuição em diminuir o fosso existente entre o *locus* de produção – as universidades – e a sociedade como um todo, assim como a aplicação desse saber para a sua transformação de forma útil, pressuposto que deve nortear este processo, seja em que área de conhecimento for.

No caso específico da obra analisada, a questão se coloca em diminuir a distância entre a produção historiográfica acadêmica e a sua introdução nos meios escolares. Fato que, aliás, é um dos problemas apontados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em especial o volume dedicado à História, um dos documentos que norteia o trabalho dos professores em sala de aula. Ainda nessa problemática, há uma contribuição valiosa no que diz respeito à explicação que é dada nos livros didáticos a determinados acontecimentos. Logo, algumas ideias *clássicas* podem ser questionadas, na medida em que se diminui a distância citada acima. Nessa linha de pensamento, temos, por exemplo, a questão do *Modernismo*, tradicionalmente explicado como um movimento de origem paulista, como uma especificidade daquele espaço geográfico. Com a utilização das crônicas de João do Rio e, sobretudo, de Olegário Mariano, pode-se questionar tal visão, propondo outro *modernismo*, ou vários, que contemple não só a *geração de 1870*, mas, também, um *Modernismo carioca*, por exemplo.

O livro é fruto de um projeto de pesquisa, *Trabalho, relações de gêneros e questão racial: memórias da cidade através das crônicas (Rio de Janeiro, 1870-1930)*, desenvolvido na Universidade Federal Fluminense (UFF), e analisa a produção das crônicas dos seguintes autores: Lima Barreto (1881-1922), João do Rio (1881-1921) e Olegário Mariano (1889-1958). Essas análises possuem como objetivo central a preocupação de utilizar tais obras, pelos professores de diversas disciplinas (história, geografia, literatura, espanhol, inglês, ciências, etc.) nas escolas, chamando a atenção para a formação continuada dos profissionais da área. Há, também, a necessidade de situar o leitor no ramo da *história ensinada*, marcadamente influenciada pelo que comumente se chama de *saber docente*, tendo em Maurice Tardif um dos principais expoentes. Assim, como tentar acabar com a distância entre ensino/aprendizagem, como já foi dito acima.

O livro sublinhou os seguintes temas: cidade, política, identidade, nação, trabalho e gênero. Essa divisão facilita o uso pedagógico por parte dos professores, devido às tabelas montadas para cada cronista, que se apresentam divididas por esses temas. Desse modo, os literatos escolhidos para serem apresentados, entre os vários que estão

* Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestrando em História Social pela mesma universidade. Professor das redes de ensino dos municípios de Cabo Frio e Armação dos Búzios, ambas no Estado do Rio de Janeiro. lgmoreira@ig.com.br

contemplados no projeto de pesquisa maior, foram selecionados com esse objetivo, embora ocupem lugares sociais distintos – Lima Barreto, um suburbano; João do Rio, um representante *burguês*; e Olegário Mariano, um político com carreira diplomática. Apesar disso, apresentam visões diferentes do mesmo tema.

A obra se preocupa em trabalhar com dois aspectos caros aos PCN's, que são: primeiro, a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade; segundo, uma proposta específica da história, a *continuidade* (permanência). Todavia, para além dessas propostas, temos a possibilidade de utilizar as crônicas como compreensão do processo histórico. Além do mais, se quisermos ficar só no campo da história, temos a possibilidade de utilizar a literatura como instrumento para o acesso ao conhecimento histórico e a aprendizagem de leitura/escrita, por parte dos alunos, fato que torna ambos os processos mais agradáveis para os discentes.

O referencial teórico-metodológico é resgatado de Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira, que nos apresentam a literatura como maneira de visualizar como os autores literários se expressam e quais as suas relações com a realidade social na qual estão inseridos. O que nos permite lembrar, como é feito pelos autores do livro, que a literatura não pode ser vista como condicionada diretamente pela realidade de forma isenta; ela se apresenta como uma das versões de uma realidade, portanto, como uma das possibilidades do vivido e não como o real.

Como salientou um dos autores do livro, Leonardo Padilha, ao descrever a relação que a história pode ter com a literatura e a relação da obra de João do Rio com uma escola literária, a crônica se apresenta como uma visão particular de quem a produz, sendo uma de suas funções explicitar as questões, especialmente os problemas, que todos veem, mas as tratam como *naturais*. Ao mesmo tempo, o autor nos mostra como podemos “recortar o objeto” e como “entrar no objeto” por meio das crônicas.

Os temas acima relatados, que estão presentes nos três autores trabalhados no livro, possuem relação com o momento histórico vivido na cidade do Rio de Janeiro na época, na virada do século XIX para o XX, não só como a capital do Império/República, mas também como cidade mais importante do país. Assim, alguns assuntos são relacionados às transformações pelas quais passava este espaço e que estão ligadas à *Belle Époque*, que propunham uma modernização da sociedade em vários aspectos. Essas mudanças acontecem de uma maneira muito rápida e profunda, ao mesmo tempo em que os seus contemporâneos ainda não sabem aonde elas irão os levar. Assim, as crônicas refletiram os problemas e os anseios da época, tais como: reforma urbana, crescimento demográfico, abolicionismo, a inserção do ex-escravo na sociedade, implantação da República, chegada de imigrantes, liberdade feminina etc.

Apresentando um rápido perfil biográfico dos três escritores, é possível não só compreender por que se interessavam pelos mesmos temas, muitas vezes não só por viverem no mesmo período, mas também por entenderem suas especificidades. Ao mesmo tempo, as escolhas destes enriquecem o livro, pois permitem trabalhar as crônicas de forma dialógica com outros tipos de produção, sejam jornalísticas ou artísticas.

Dessa forma, um dos elementos da obra de Lima Barreto são as crônicas rápidas e curtas, feitas em prosa, com forte presença da ironia, que podem dialogar com os jornais de hoje. Já as crônicas em prosa de João do Rio se apresentam de forma mais longa, e se indicam à conversa com o teatro. E por fim, Olegário Mariano se apresenta enquanto cronista que escreve em versos, e se sugere uma parceria com charges da época.

Cabe ressaltar que esses diálogos aparecem nas atividades didáticas indicadas pelos autores do livro para serem aplicadas aos alunos nas salas de aula. Como sabemos, e isto é lembrado pelos autores do livro, as atividades pedagógicas propostas não podem ser aplicadas

tal como foram pensadas; afinal, todo profissional da educação sabe que as turmas possuem especificidades, e as atividades, naturalmente, devem ser adaptadas a elas. Ao mesmo tempo, temos ciência que este profissional deve ser capaz de criar soluções para a prática cotidiana de sala de aula, marcada pelas particularidades.

Outra questão que nos é cara é a atenção que se deve dar, segundo os autores, para não “matar” a obra destes escritores, tentando ver em suas produções características de determinadas escolas literárias. Assim, procurar-se-ia enquadrá-los nos estilos literários vendo o que possuem de comum com estes, solapando as suas particularidades, o que “mataria” a sua obra. Essa questão, para terminar nosso texto, nos remete ao último elemento que quero levantar que são distintos em cada autor. Vamos a elas.

Como já foi dito, o perfil biográfico apresentado para os autores permite enxergar quais são suas particularidades. Dessa maneira, as características pessoais e trajetórias de vida interferiram nas suas obras. Portanto, a origem mulata, a vida suburbana, os problemas mentais (seu e de seu pai), o preconceito social sofrido, sua posição política anarquista, sua preocupação com os negros saídos do cativeiro, entre outras, irão influenciar a obra de Lima Barreto.

Por sua vez, João do Rio terá marcado em sua obra seu gosto pela literatura de Oscar Wilde e Jean Lorrain, seu passado positivista (seu pai foi um dos fundadores do positivismo), sua homossexualidade, seu interesse pelas religiões, seu pioneirismo em várias áreas (jornalismo e teatro), a tentativa mal sucedida de virar diplomata, entre outros.

E por fim, Olegário Mariano terá como pano de fundo questões ligadas ao abolicionismo, ao republicanismo e sua inserção no Estado (foi membro da Assembleia Constituinte de 1933 e Deputado Federal em 1937, além de ter tido uma carreira diplomática importante).

Parece-nos pelo que foi exposto, que a obra pode dar uma grande contribuição aos professores em sua prática docente diária, não só por tornar as aulas mais

agradáveis, seja pelo material utilizado, seja pela metodologia de ensino. Ao mesmo tempo, leva os alunos a elaborarem os seus próprios conhecimentos, além de possibilitar que critiquem o conhecimento já produzido, haja vista a questão proposta de um *Modernismo carioca* diferente do *Modernismo*.

Enviado em 17 de novembro de 2008

Aprovado em 11 de fevereiro de 2009

123

